

## GRUPO TECENDO REDES: O PAPEL DAS CUIDADORAS NO NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO DA UFPEL

GIULIA DUARTE DOS SANTOS<sup>1</sup>; LIANA BARCELOS PORTO<sup>2</sup>; NINA CARDOZO DA SILVA<sup>3</sup>; RENATA CRISTINA ROCHA DA SILVA<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - [giuuuuliaddsantos449@gmail.com](mailto:giuuuuliaddsantos449@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - [lianabarcelosporto@gmail.com](mailto:lianabarcelosporto@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas - [ninaufpel@gmail.com](mailto:ninaufpel@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas - [renatatoufpel@gmail.com](mailto:renatatoufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), foi inaugurado em agosto de 2008, a partir do programa “Incluir” do Ministério da Educação (BRASIL, 2010). Esse programa visa a inclusão de estudantes com deficiência em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), buscando favorecer acesso e permanência considerando o respeito à diversidade dentro do ambiente universitário.

A equipe composta pelo NAI possui uma chefe que é docente no curso de Terapia Ocupacional, 2 técnicos em assuntos educacionais, 4 psicopedagogas, 6 estagiários de Terapia Ocupacional (TO), 25 intérpretes de LIBRAS e 40 tutores bolsistas. Atualmente, o núcleo atende 273 alunos com deficiência, entre eles, 89 destes alunos têm Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo assim, detém mais de um terço dos alunos atendidos pelo NAI. Se partirmos da concepção de que a função do terapeuta ocupacional é intervir nas adversidades cotidianas dos indivíduos, o que também se dá na área da educação, é importante que se discutam as temáticas presentes quando se trabalha na articulação entre terapia ocupacional e educação, como a educação inclusiva, com intuito de compreender quais os maiores desafios que esse público enfrenta (PEREIRA, 2018).

As pessoas com TEA, um transtorno do neurodesenvolvimento, são reconhecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais - DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014) a partir de características essenciais e uma delas é prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social. Por isso, foi pensado em um grupo de habilidades sociais para esse grupo. A partir das demandas trazidas pelos alunos do grupo e pela percepção da equipe multidisciplinar que os atendiam, houve a necessidade de criar um grupo para familiares e cuidadores dos discentes que possuem TEA.

Histórica e culturalmente, são as mães que possuem domínio nos cuidados com os filhos e isso diverge quando se tem um filho com algum tipo de deficiência e/ou transtorno do neurodesenvolvimento (Rosa et al., 2010), isso faz com que elas despendem uma atenção e tempo exacerbada, afetando seu desempenho ocupacional. O desempenho ocupacional, segundo o Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e Engajamento (COPM-E, 2009), configura-se pela capacidade da pessoa de realizar suas ocupações e concretizar os papéis ocupacionais próprios do seu estágio de desenvolvimento. Portanto, foi percebido prejuízo dessas mães em seu desempenho ocupacional.

Durkheim (1895) em sua obra explora o conceito de consciência coletiva, enquanto um aspecto fundamental da coesão social e da estrutura das sociedades. Argumenta que o conceito é base das normas e valores compartilhados que orientam o comportamento individual e coletivo. Desde o início da sociedade patriarcal, foi estabelecida uma consciência coletiva que atribui às mulheres a responsabilidade pelos cuidados familiares. Esse padrão se intensifica no caso das cuidadoras de pessoas com deficiência, sobrecarregando-as com a responsabilidade de cuidar dos filhos e reduzindo sua identidade a apenas cuidadoras em tempo integral. Sendo assim, atividades grupais podem ser uma ferramenta essencial, pois elas possibilitam a construção de uma nova consciência coletiva dentro do grupo Tecendo Redes.

## **2. METODOLOGIA**

O grupo Tecendo Redes foi idealizado em março, mas sua implementação efetiva ocorreu em abril deste ano. O processo de mobilização iniciou-se com um convite oficial enviado por e-mail, através do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), direcionado aos estudantes atendidos pela instituição. A inscrição para o grupo foi inicialmente realizada através de um formulário no Google Forms, utilizado para mensurar o interesse e a adesão dos participantes. No entanto, o grupo permanece aberto para novas adesões, promovendo acessibilidade e flexibilidade para qualquer pessoa que deseje integrar o projeto.

O grupo Tecendo Redes foi idealizado em março, mas sua implementação efetiva ocorreu em abril deste ano. O processo de mobilização iniciou-se com um convite oficial enviado por e-mail, através do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), direcionado aos estudantes atendidos pela instituição. A inscrição para o grupo foi inicialmente realizada através de um formulário no Google Forms, utilizado para mensurar o interesse e a adesão dos participantes. No entanto, o grupo permanece aberto para novas adesões, promovendo acessibilidade e flexibilidade para qualquer pessoa que deseje integrar o projeto.

As sessões ocorrem semanalmente às segundas-feiras, de forma presencial, no Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), com uma duração média de 1 hora e 30 minutos. A participação costuma variar entre 6 a 8 cuidadoras, enquanto a condução dos encontros é realizada por uma equipe composta por três estagiárias e uma psicopedagoga, responsáveis pela facilitação e acompanhamento das atividades, sob supervisão da chefe do NAI.

A escolha de realizar os encontros em paralelo ao grupo de habilidades sociais visa otimizar o tempo das cuidadoras, oferecendo-lhes um espaço de acolhimento e reflexão enquanto seus filhos participam de atividades específicas. Esse formato tem demonstrado ser eficaz na promoção de engajamento e adesão ao grupo.

A primeira dinâmica teve como objetivo apresentar e explicar o funcionamento do grupo e seu propósito. Durante a atividade, elas foram convidadas a falar sobre suas vidas e interesses pessoais. Em segundo momento, neste mesmo encontro, foi construída uma atividade intitulada “mapeando as demandas”, onde essas mulheres escreveram em um bloco de notas temas de seu interesse e colaram em uma folha de papel pardo. Após, foi construído pelas estagiárias de Terapia Ocupacional um mapa com temáticas em comum, entre elas: “autocuidado”, “parentalidade” e “sobre mim”.

Com base nessa atividade, foram definidos os tópicos a serem abordados nos encontros seguintes, que começavam sempre com uma atividade de

interação, contando um pouco de si, com intuito de se divertir e fortalecer vínculos e outra atividade com a temática baseada nos tópicos definidos entre a equipe e as cuidadoras.

### **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

Ao longo dos encontros do grupo, formou-se um vínculo profundo entre as participantes, marcado por relatos que revelam transformações significativas na forma como elas se percebem e se conectam. As mães têm destacado a importância de serem ouvidas e reconhecidas, não apenas como cuidadoras, mas como mulheres com histórias e desafios próprios.

Ao serem condicionadas ao papel de “super heroínas” e “mães guerreiras”, suportando as barreiras de forma solitária, essas mulheres têm suas relações de autocuidado comprometidas, por ausência na rede de apoio e desigualdade nos cuidados com os filhos. (Luna, et al., 2023). Além de relatos como “sinto que aqui posso falar sobre mim, não só sobre meu filho”, “estou conseguindo tirar um tempo para mim”, após as dinâmicas de autocuidado no grupo, foram enviadas fotos que mostram gestos de autocuidado, como unhas feitas e cabelo pintado, ilustram essa crescente consciência sobre a importância de cuidarem de si mesmas, trazendo alívio ao encontrar um espaço onde podem compartilhar suas experiências sem medo de julgamentos.

Outros depoimentos, como “adoro estar no grupo” e “nunca me senti tão acolhida”, reforçam o laço emocional e a sensação de pertencimento que se formou entre as participantes, que muitas vezes têm uma rede de apoio limitada (Sanini, 2010). A troca de experiências e a compreensão mútua aliviam parte das responsabilidades diárias, proporcionando a essas mulheres um espaço de acolhimento e suporte.

Além disso, a valorização do autocuidado e da identidade individual das mães tem um impacto positivo em seu bem-estar emocional, refletindo-se tanto em suas famílias quanto na comunidade. As atividades do grupo também sensibilizam a sociedade para a importância da inclusão, influenciando práticas educacionais e contribuindo para um ambiente acadêmico mais acolhedor e adaptado às necessidades específicas de todos os estudantes.

### **4. CONSIDERAÇÕES**

Foi possível analisar a cada semana de grupo, as transformações que foram ocorrendo no intrínseco das cuidadoras. A união dessas mulheres ao longo de cada encontro fortalece o vínculo entre elas e começam a perceber-se enquanto mulheres e amigas, buscam aos poucos a autonomia de si e a luta diária e incansável de modificar o ambiente universitário, por um lugar mais acessível.

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão está proporcionando ao grupo Tecendo Redes a possibilidade das mulheres se reconstruírem enquanto pessoas (antes de serem mães), de obterem uma rede de apoio para orientações, dúvidas e afeto. Reformular as suas ocupações para reavivar sonhos, objetivos e metas perdidas na maternidade atípica.

Um elemento central que vem consolidando a singularidade dessas mulheres e fortalecendo o protagonismo em suas próprias vidas, no contexto de

transformação que o grupo de cuidadores tem proporcionado são as tarefas semanais propostas. As atividades planejadas pelas estagiárias de Terapia Ocupacional, cuidadosamente alinhadas aos temas trabalhados em cada encontro, funcionam como um instrumento estratégico para reforçar a importância do cuidado consigo mesmas. Esse processo sublinha uma verdade inescapável: para que o ato de cuidar seja sustentável, é imperativo cuidar de quem cuida.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5** (5ª ed.). Artmed. Baio, J., Wiggins, L., Ch.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2010.

LAW, M.; COOPER, B.; STRONG, S.; STEWART, D.; RIGBY, P.; LETTS, L. **The Canadian Occupational Performance Measure (COPM)**. 4. ed. Ottawa: CAOT Publications ACE, 2009.

LUNA, Aislany Warlla Nunes et al. Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v.12, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4284/3951>>. Acesso em: 23 de set. 2024.

PEREIRA, Beatriz Prado. **Terapia Ocupacional e Educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a Escola**. 2018. 281 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ROCHA, Eucenir Fredini. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 122-127, set./dez. 2007.

ROIZ, Roberta Giampá; FIGUEIREDO, Mirela de Oliveira. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, capítulo 31, edição 3304, 2023.

SANINI, Cláudia; BRUM, Evanisa Helena Maio de; BOSA, Cleonice Alves. Depressão materna e implicações sobre o desenvolvimento infantil do autista. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 16-23, 2010. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822010000300016](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000300016). Acesso em: 19 set. 2024.

SIFUENTES, Maúcha; BOSA, Cleonice Alves. Criando pré-escolares com autismo: características e desafios da coparentalidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, p. 477-485, 2010.